



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC**

**CURSO DE LETRAS**

**EVANGLEY DE QUEIROZ GALDINO**

**A RALÉ QUE RALA: POÉTICAS DE SOBREVIVÊNCIA DA MULTIDÃO NA  
OBRA CAPÃO PECADO, DE FERRÉZ**

**CAMPINA GRANDE**

**2018**

**EVANGLEY DE QUEIROZ GALDINO**

**A RALÉ QUE RALA: POÉTICAS DE SOBREVIVÊNCIA DA MULTIDÃO NA  
OBRA CAPÃO PECADO, DE FERRÉZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como requisito para a obtenção da graduação do Curso de Letras Português – Campus I- da Universidade Estadual da Paraíba. Área de concentração: Literatura. Orientação: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino.

**CAMPINA GRANDE**

**2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G149r Galdino, Evangley de Queiroz.  
A ralé que rala [manuscrito] : poéticas de sobrevivência da multidão na obra Capão Pecado, de Ferréz / Evangley de Queiroz Galdino. - 2018.  
30 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino ,  
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."  
1. Crítica literária. 2. Literatura brasileira contemporânea.  
3. Literatura de multidão. I. Título

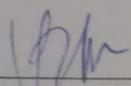
21. ed. CDD 801.95

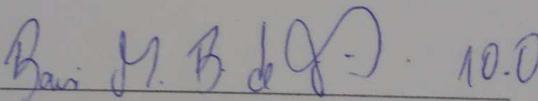
**EVANGLEY DE QUEIROZ GALDINO**

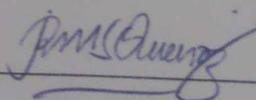
**A RALÉ QUE RALA: POÉTICAS DE SOBREVIVÊNCIA DA MULTIDÃO NA  
OBRA CAPÃO PECADO DE FERRÈZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como requisito para a obtenção da graduação do Curso de Letras Português – Campus I- da Universidade Estadual da Paraíba. Área de concentração: Literatura. Orientação: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino.

Aprovada em: 27/11/18.

 10.0  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino. (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 10.0  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Ranieri Machado Bezerra de Mello  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 10.0  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Rosângela Maria Soares de Queiroz.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai e minha mãe, pela dedicação,  
formação e ajuda, DEDICO

## AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Rayane, por me ajudar, apoiar e incentivar a ir além...

À professora Rosângela Queiroz pelo acompanhamento durante o Projeto PIBIC.

Aos professores Adalberto, Marcelão, Flaviano e Ranieri pelas aulas e conversas.

Ao meu sempre orientador Luciano Justino por ser esse pensador instigante e instigador

Aos demais professores do Curso de Letras que me apoiaram durante esse longo caminho e promoveram uma educação crítica de excelente qualidade.

Aos colegas de curso: Geovane, Camila, Trajano, Alisson, Raine, Jessica, Meridiane, Edson, Luciana, Juliana, Diogo, Heverson, Michael, Mirtô, Darlan, entre outros. Levarei vocês para sempre comigo. Nossos anos de labutas, comédias, conversas e divertimentos foram incríveis.

Aos colegas do Grupo de Estudo Literatura e Crítica Contemporânea (GELCCO): Wanderlan, Veranildo, Isis, Thays, Silvana, Jonas, Patrícia, Josi, Tiago e Patrícia. Responsáveis pelo ressurgimento do meu interesse por assuntos acadêmicos.

Ao casal e amigos, Yuri e Raissa, por continuarem ao meu lado apesar de minhas loucuras.

À minha vó (*in memoriam*) pelo seu acolhimento, ajuda e por me considerar um filho.

Aos meus pais, Evandil e Gleiss, por me educarem e se esforçarem sempre para dar o melhor para mim. Aos meus irmãos Maria Helena e Ian Nilo.

À minha tia Maria.

Ao conhecimento, à educação e além...

Quem grita somos nós,  
os sem educação, os sem hospitais e sem segurança

Somos nós, órfãos de pátria,  
os filhos bastardos da nação.

[...]

Tenham medo sim,  
somos nós, os famintos  
O que dormem nas calçadas frias,  
os escravos dos ônibus negreiros,  
os assalariados esmagados no trem,  
os que na tua opinião  
não deviam ter nascido

(“Somos Nós”. Sergio Vaz, Flores de Alvenaria)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. LITERATURA DE MULTIDÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>3. POÉTICAS DE SOBREVIVÊNCIA DA MULTIDÃO.....</b>	<b>19</b>
3.1 “O TRABALHO DIGNIFICA O HOMEM”.....	20
3.2 CORRERIA E OUTROS CORRES.....	22
3.3 AMIZADE, SOLIDARIEDADE E AFETOS.....	25
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

## **A RALÉ QUE RALA: POÉTICAS DE SOBREVIVÊNCIA DA MULTIDÃO NA OBRA CAPÃO PECADO DE FERRÈZ**

Evanglely de Queiroz Galdino<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Na literatura brasileira contemporânea os pobres ganham mais uma vez destaque, porém agora donos de suas vozes, ocupam a escritura de suas próprias experiências a partir de seus lugares de falas. Longe de certos determinismos, exotismos e romantismos, temos a consciência das ressonâncias de suas artes de viver que trazem em suas produções agenciamentos políticos, sociais e estéticos de todas as ordens que fogem de enquadramentos reducionistas. Para além das tensões significativas que envolvem autenticidade dos depoimentos, legitimidade da obra (construída socialmente), voz autoral e representatividade de grupo nessas narrativas, o que nos interessa é analisar as formas de vida que estão postas e suas formas poéticas de sobrevivência diante dos contextos em que se encontram. Nesse limite, a literatura se apresenta como uma experimentação biopolítica que se apropria de um imaginário coletivo e uma memória do cotidiano dos sujeitos comuns, entendidos aqui como uma multidão, para fabricar o presente. Assim, nosso objetivo é compreender, na obra Capão Pecado de Ferrèz, as táticas e estratégias que são utilizados a todo momento pelos ditos pobres dentro de um quadro de precarização de suas condições: formas de trabalho sistêmicos, crimes, amizades, relações de solidariedade assim como alguns afetos são caminhos verificados como formas de luta e resistência diante de um capitalismo esquizóide e parasitário e suas consequências. Para tanto, utilizaremos das contribuições de Dalcastgnè (2008) sobre questões da alteridade e desigualdade na narrativa brasileira contemporânea, assim como Santiago (2004) e Sousa (2009) no tocante aos pobres, os conceitos de tática e estratégia de Certeau (1990), Hardt e Negri (2005) no que se refere a multidão e Justino (2014) a literatura de multidão.

**Palavras-chaves:** crítica literária; literatura contemporânea brasileira; literatura de multidão;

---

<sup>1</sup> Aluno de graduação em Letras (Português) da Universidade Estadual de Campina Grande -Campus I.  
Email: queiroz.evanglely@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

**Ralé.** [de orig incerta] . **S.f.** **1.** A camada mais baixa da sociedade. [...] Sin. [...] escória, escória social [...] fezes, lixo, gentalha, gentaça, genticinha, gentuça, plebe, população, populacho, povão, povaréu, povo [...] zé-povinho e (bras.) bagaceira [...] mundiça. **2.** Animal de que a ave de rapina faz habitualmente sua presa. **3.** *Pop.* Energia, vontade. **4.** *Ant.* Espécie, casta, raça.

**Ralar.**[...] **7.** *Bra. Gír.* Trabalhar muito, ou exaustivamente. **8.** *Bra. Gír.* Realizar (algo) com afinco, ou esforço; batalhar, lutar, esforçar-se.

(Novo Aurélio Sec. XXI: o dicionário da língua portuguesa)

O tempo em sua irrefreável força transforma tudo. Culturas, sociedades, ideologias, pessoas, conceitos, valores: nada escapa de sua passagem, inclusive a própria literatura. No tempo presente, emergem, no campo literário, narrativas que buscam, a partir de outras formas de escritura e experimentações, expandir os horizontes da criação. Muitas vezes, essas, surgem subvertendo a tradição para tornar visível seus limites/problemas e criar outras possibilidades/formas de leitura do mundo. No Brasil contemporâneo os homens e mulheres comuns, sobretudo aqueles sujeitos aos processos de empobrecimento, com suas vidas cotidianas ordinárias, passaram a ganhar destaque em várias mídias. Além disso, eles transformaram-se também em produtores de suas próprias histórias, utilizando-se do capital de suas experiências, e apropriando-se das facilidades dos meios de produção e tecnológicos. A dita ralé ralou muito. Ocupou e conquistou espaços para fazer suas vozes, seus protestos, sua revolta serem ouvidas. Não sem sangue e luta.

A potência dos pobres não é mais novidade. Embora sejam ainda marginalizados, excluídos socialmente, segregados em espaços inferiores, eles gritam, falam, produzem criativamente, às vezes por meio de desvios, por impulsos revolucionários e utópicos, rompendo os silenciamentos e lugares a eles a muito impostos por um legado de crimes de um centro dominante e opressor. Segundo Barbosa (2016), os espaços batalhados por esses sujeitos, que ela chama de “ex-centricos”, são locais de constantes conflitos, pois pertencem em sua grande maioria, a este mesmo centro dominante. Porém, ela aponta como um dos meios de se buscar visibilidade, desconstruindo estereótipos e fazendo com que capacidades sejam postas a mostra, é através da literatura.

De acordo com Oliveira (2015), alguns debates e discussões travadas em torno das lutas sociais e suas demandas nos permite compreender as novas relações que vem se sedimentando desde muito até a contemporaneidade, e que são potencializadas a partir de diversos movimentos sociais no Brasil, a exemplo do Movimento Social do Trabalhadores Sem Terra (MST). Assim, muitas das conquistas desses movimentos tem chamado atenção e ganhado reconhecimento no mundo inteiro, servindo também de contrapartida para o que Baumam chama de Capitalismo Parasitário<sup>2</sup>, por não se caracterizarem apenas como movimentos de um único segmento social ou grupos isolados, mas como potências advindas de uma multiplicidade de sujeitos, formada por resistências que vão além da diferença, não aceitam a condição de exploração e conseguem ir além da mera reificação da vida.

Por outro lado, em seu livro *“A ralé brasileira: quem é e como vive*, Sousa (2009) aponta que desde o processo de modernização, que constituiu as novas classes sociais e seus modelos diferenciados de apropriação do capital cultural e econômico, uma outra classe- a “ralé” estrutural- surgiu não apenas desprovida desses, mas também das precondições sociais, morais e culturais que permitem esse processo de apropriação. Segundo ele, essas pessoas já tão sofridas e humilhadas, abandonadas social e politicamente, precarizadas<sup>3</sup> ciclicamente durante gerações, sempre esquecidas, são vistas, enquanto classe, sobre *uma gênese de um destino comum, só é percebida no debate público como um conjunto de “indivíduos” carentes ou perigosos, tratados fragmentariamente por temas de discussão superficiais.* ( SOUSA, 2009, p. 20).

Contudo, para nós, essa ralé não deve ser vista como uma massa homogênea que segue um mesmo caminho. Ela é uma multidão. Segundo Negri (2005), a multidão é uma imanência, um conjunto de singularidades, sempre produtiva e em movimento, que ainda que seja explorada, coopera socialmente para a produção. Nesse sentido, ela é também um conceito de

---

<sup>2</sup> Para este autor, o capitalismo é considerado um sistema parasitário que prospera durante certo período, desde que encontre um organismo não explorado para lhe fornecer alimento. Todavia, ele acaba destruindo, uma hora ou outra, seu hospedeiro. Com essa metáfora, ela quer chamar atenção para o fato de o processo de fetichização opera em várias locus, desde que encontre ali uma situação suscetível para transformar qualquer aspecto em mercadoria. Nesse trabalho, entendemos que esse processo atua em vários níveis e não apenas o do trabalho e o capital. Sendo que o Estado, muitas vezes funciona como um corpo que ajuda a as necessidades do mercado. Porém, como veremos mais adiante nem todas as relações acabam caindo dentro dessa lógica.

<sup>3</sup> Butler (2011), ao refletir o que nos vincula eticamente à alteridade, ao Outro, marcado por vidas precárias, afirmar que esse vínculo só emerge quando reconhecemos que a humanidade desse outro está sob ameaça. Para esta autora, surge disso, um problema de representação em nosso tempo presente tão mediatizado. Segundo ela, a representação da alteridade constitui tanto um meio de humanização quanto de desumanização, de reconhecimento ou de eliminação.

classe, pois trata tanto da cooperação, quanto da exploração do conjunto dessas singularidades e as redes que as compõem. É também potência, pois não deseja apenas se expandir, mas se corporificar. A expressão de sua potência é orientada por três vetores de força: I) sua genealogia se constitui na transição do moderno para o pós-moderno, na qual foram dissolvidos algumas formas de disciplina social; II) Tendência para a *General Intellect*, onde seus modos de expressão produtiva são voltados cada vez mais para o trabalho imaterial e intelectual; III) Marcado pela liberdade e alegria ( assim como crise e saturação), abarcando em si movimentos de continuidade e descontinuidades.

Ainda para o autor, é necessário que se faça uma diferenciação entre o conceito de multidão, povo e massa/plebe. Para ele, o segundo (povo) é sempre representado como unidade que constitui um corpo social. O terceiro (massa/plebe) são palavras usadas para representar uma força irracional e passiva, que pode ser facilmente manipulada. Ao revés disso, a multidão não pode ser definida de tais formas, pois ela é a carne, *substancia da vida comum na qual corpo e mente coincidem e são indistinguíveis* (NEGRI, 2005, p. 18), sendo algo (auto)organizado. Nela podemos observar a articulação entre natureza e história, trabalho e política, arte e invenção. Elemento do ser, que enquanto potência, busca se transformar em novas formas de vida. Dessa forma, a produção de subjetividades, que o sujeito faz em si mesmo, é ao mesmo tempo, produção da consistência da multidão, ou seja, uma prática coletiva, um trabalho vivo de expressão e cooperação para a construção material e imaterial do mundo e da história.

Reginaldo Ferreira da Silva, conhecido artisticamente como Ferréz (“Ferre” em homenagem a Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião, e “z” referente a Zumbi dos Palmares) é nascido em São Paulo, distrito do Capão Redondo, uma das periferias mais perigosas e violentas do país, localizada no extremo sul da capital paulista. De origem humilde, o escritor é ligado ao movimento hip-hop entre outros. Ele foi idealizador das edições especiais da revista Caros Amigos (2001/2002/2004) que tinha como foco a Literatura Marginal e fez circular textos de outros autores até então desconhecidos que faziam parte do eixo periférico. Segundo Nascimento (2006), o trabalho da revista foi importante, pois serviu para divulgar as produções literárias dos escritores da periferia ao mesmo tempo em que houve um incentivo à produção e comercialização de tais produtos.

Romance de estreia, Capão Pecado, narra a história de Rael, um jovem honesto e trabalhador, de origem pobre, que adora ler e sonha ter melhores condições de vida. Por outro

lado, muitos de seus melhores amigos estão envolvidos com práticas ilícitas e perigosas. A vida do protagonista muda quando ao conseguir um novo emprego, acaba se apaixonando pela namorada de um dos seus companheiros, que também trabalha na mesma empresa para qual ele começa a prestar serviço. Ambientada no bairro do Capão Redondo, a obra representa a vida e as práticas na periferia, principalmente dos jovens, que inseridos naquele espaço constroem suas experiências e vivências diversas. O livro também funciona como uma forma de denúncia e protesto face a brutalidade da polícia, a questão da violência urbana, a pobreza e outros problemas sociais. Embora que alguns críticos apontem que o autor criou com seu texto realista um retrato naturalista da periferia da São Paulo, pode-se dizer que a narrativa vai além dos estereótipos, trazendo para o centro da obra as diversas vozes que circulam por aquele espaço, que estão longe de um determinismo simplista.

Sendo assim, nosso objetivo é compreender, na obra *Capão Pecado* de Ferréz, as táticas e estratégias que são utilizados a todo momento pelos ditos pobres dentro de um quadro de precarização de suas condições: formas de trabalho sistêmicos, crimes, amizades, relações de solidariedade assim como alguns afetos são caminhos verificados como formas de luta e resistência diante de um capitalismo parasitário e suas consequências. Tudo isso, fugindo de uma estereotipização das representações dos pobres, já tão abusadas na literatura brasileira. Para tanto, não nos centraremos na figura única do protagonista, pois entendemos que os outros personagens podem também nos indicar pistas e indícios para a compreensão da obra que se distancie de uma leitura viciada dentro de certos parâmetros inclusive já tão discutidos pela crítica. Dessa forma, no primeiro tópico, iremos nos limitar a entender o conceito de Literatura de Multidão e suas nuances para o estudo dessas figuras secundárias dentro da narrativa. No tópico dois, aprofundaremos essa discussão através de exemplos de alguns personagens de “segundo plano” para tentar entender como se esboça suas “artes de viver” e mais especificamente suas “poéticas de sobrevivência”.

Em nossas análises são utilizados as contribuições de Dalcastgnè (2008) sobre questões da alteridade e desigualdade na narrativa brasileira contemporânea, assim como Santiago (2004) e Sousa (2009) no tocante aos pobres, os conceitos de tática e estratégia de Certeau (1990), Hardt e Negri (2005) no que se refere a multidão e Justino (2014) a literatura de multidão.

## **2 LITERATURA DE MULTIDÃO**

Nas últimas duas décadas, um número crescente de estudos tem investigado, problematizado e construído teorias para analisar e tentar compreender as diversas nuances da literatura brasileira contemporânea. Uma crítica mais sensível é reconhecida por tentar não dar respostas fáceis diante da multiplicidade e complexidade de obras que têm surgido. Mais do que isso, esta, dispensa abordagens unicamente formalistas ou focada na simples busca do sentido político das representações e autorrepresentações ficcionais já tão amplamente abordados. Se, como afirma Ludmen (2007), muitas escrituras produzidas no presente atravessam a fronteira e parâmetros do que se entende por literatura, não podendo mais lê-las a somente partir de categorias estruturantes (autor, obra, estilo e etc), entendemos que novos objetos suscitam também outros olhares e leituras para traçar linhas de fuga, no sentido mais deluzeziano, do que já vem sendo feito dentro da tradição e fortuna crítica tão amplamente mastigada.

Pensar o contemporâneo, e mais especificamente a literatura, é também refletir sobre as produtividades dos sistemas de cultura, levando em consideração os diversos fluxos e agenciamentos que os compõem e o atravessam para fabricar o presente. A essencial desomogeneidade inseridas nesse tempo, já tão fragmentado, e a leitura do modo inédito da história, apontadas por Agamben (2009), são pistas que nos instigam ir além. Esse ineditismo, por sua vez, pode se configurar não apenas como um outro/novo olhar sobre o agora, mas também como estratégia crítica que busque outras possibilidades e caminhos para tentar compreender as profícuas relações que surgem a todo momento e suas múltiplas interpenetrações.

Como sugere Justino (2014), precisamos criativamente reaprender a procurar nos livros outras coisas. Isso indica que devemos fazer dizê-los o que não dizem, buscar ir sempre mais fundo do que sugerem até mesmo nas entrelinhas. Virá-lo ao avesso para fazê-lo saltar do próprio bolso. Trazer à tona o que calam, pois tanto o livro quanto a própria literatura são atravessados por silenciamentos. Contudo, eles também podem se configurar como produtores de subalternidades, resistências e insurreições contra si mesmos. Assim, diante das inúmeras particularidades das narrativas no tempo presente, o autor afirmar:

O crítico deve fazer leituras “impertinentes”. Conforme o Aurelio: que não vem a propósito, estranho ao assunto de que trata, descabido, inconveniente, inoportuno, ofensiva. Ir além-aquém dos movimentos de sentido que a narrativa quer fazer sobressair e aos quais dá primazia, não cair nas armadilhas ideológicas da “comunidade discursiva[...] (JUSTINO, 2014, p. 137)

Neste sentido, o fecundo diálogo com os estudos culturais, hoje já tradição teórico-crítica, possibilitou a abertura de novos horizontes epistemológicos e imaginativos para também pensar o literário no presente, visto principalmente sobre o prisma da alteridade e levando em consideração a experiência da recepção de grupos minoritários tão renegados por uma perspectiva elitista da literatura. De acordo com Grossberg:

Os Estudos Culturais são intervencionistas no sentido de tentar utilizar os melhores recursos intelectuais para conhecer mais satisfatoriamente as relações de poder (como a evolução ou o equilíbrio em um jogo de forças) num contexto específico, acreditando que esse conhecimento pode capacitar melhor as pessoas a mudar o contexto e, com isso, as relações de poder. Consequentemente, este projeto é sempre político e partidário, mas a sua política é sempre definida pelo contexto. Além disso, procura entender não somente as organizações de poder, mas, também, as possibilidades de luta, resistência e mudança. Parte de princípios contestadores – não como realidade em todos os casos, mas como suposição necessária para um trabalho crítico e para a oposição política. (GROSSBERG, 2009, p. 31. Apud. EGGENSBERGER, 2010, p. 57)

É nesse contexto, que no ensaio *Literatura de Multidão como estratégia de leitura da narrativa brasileira contemporânea*, Justino (2014), faz uma crítica ao discurso da pós-modernidade que decretou escatologicamente o fim das narrativas, mostrando que, pelo contrário, desde a década de 90, há uma proliferação de diversas narrativas em nosso país. Ele ainda chama atenção para o fato de que algumas dessas narrativas têm algo em comum, pois “*multiplicam o número de personagens na trama e seus percursos pela cidade, os gêneros, as formas, os formatos, o locus e o interlocutor, semiotizando ‘uma quantidade infinita de encontros’, de ações que potencializam contatos*” (JUSTINO, 2014, P. 131).

Essas “literaturas de multidão”, como o autor as define, operam a partir de horizontes dialógicos e contraditórios, nos quais são encenadas as formas de viver cotidiano no Brasil do “pós” (JUSTINO, 2014, p. 31). Literatura de muitos em estado de (co)partencimento, que (co)partilham uma vizinha próxima e seus problemas diante de tal proximidade, e (c)operam no cotidiano, a partir de diversos aspectos sejam eles linguísticos, culturais, econômicos, tecnológicos, literários e etc.

A partir da reflexão de Virno (2013), de que a semiose da multidão é o “*lugar-comum*”, ao qual recorrem os muitos, o autor afirma que este comum é o fundamento de partilha, pois torna a multidão cooperante, tornando coletiva a vida com suas muitas singularidades e produções de subjetividades. Porém, o mesmo, ainda deixa claro, que isso não indica um movimento centrípeto e homogêneo, pelo contrário, a multidão que produz o comum é centrífuga e atravessada por vieses heterogêneos. Não por acaso, o ele afirma que estas narrativas têm o espaço da cidade como território privilegiado devido aos seus inúmeros deslocamentos e fluxos ininterruptos.

Para tanto, o autor, parte de uma crítica da crítica, mostrando, segundo ele, dois equívocos: I) A supremacia do realismo e da violência articulados à influência da cultura de massa; II) O esgotamento de sentido das obras nas ações dos protagonistas e nos modos de contar do narrador. Dessa forma, ele modifica o foco para a produtividade das personagens secundárias, aquelas tratadas por um viés mais tradicionalista como superficiais, e enfatiza aspectos como seus modos de vida, relações com a linguagem, movimentos de sentido e etc. Há uma tentativa de desconstrução do enquadramento, muitas vezes, estigmatizante apenas do ponto de vista narrador. Apropriando-se do conceito “*comunitas*” de Roberto Esposito (2003)., ele argumenta que se a comunidade é um débito, deve-se a um Outro o reconhecimento da nossa própria subjetividade. Isto, vai ao encontro do que outros teóricos do tempo presente sugerem, na medida em que se entende o reconhecimento a partir de uma dimensão interpelativa entre os sujeitos como uma abertura crítica do próprio “eu”. Assim, *sou invariavelmente transformada pelos encontros que vivencio; o reconhecimento se torna processo pelo qual eu me torno diferente do que fui e assim deixo de ser capaz de retornar ao que eu era.* (BUTLER, 2015, p. 41)

No tocante ao aspecto da violência visto pela crítica como o “retorno do real” a partir de uma roupagem neonaturalista, o autor defende que essa visão é reducionista, pois nos impede de ver outros horizontes de produção de sentido. Em especial duas contrapartes se fazem visíveis: a luta contra ela e ser a própria, uma estratégia de luta.

Justino ainda tece uma crítica à tese da cidade partida (centro x periferia) ao afirmar que existe uma circularidade dinâmica entre esses dois eixos. A primeira circula com suas máquinas de tecnologia através da segunda e esta, por sua vez, atravessa a outra com sua cultura. Elas *convivem na mutualidade do trabalho cotidiano* (JUSTINO, 2014, p.134-135). Diante disso, percebemos que há uma *apropriação cultural*, nos moldes como propõe Chartier (1990), dos

trabalhos (material e imaterial) e bens culturais produzidos por ambos os lados. O autor, recusa também um foco na miséria e na pobreza, e defende uma ética da potência dos pobres. Busca os lugares comuns e as funções clichês na vida dos homens comuns. É preciso ver para além das singularidades e/ou estigmas construídos pelos discursos médicos, jurídicos, morais, urbanistas e sociológicos. Abraçar a diversidade e multiplicidade, percebendo nesse ambiente dialógico as negociações inevitáveis de solidariedade, confronto, resistência, indiferença que são produzidas coletivamente.

A literatura de multidão é um devir-nós e, como tal, sempre estar por se fazer em um processo rizomático. Neste sentido, este devir é atravessado por uma gama de fluxos e redes sociais, culturais, históricos, estéticos, políticos, classe, profissional e afetivos. Contudo, ele recusa ser determinado de fora por identidades apriorísticas (estado-nação, racial, sexual e etc). Ela é sempre um ponto de partida e não de chegada como afirma o próprio autor. Não por acaso, o problema da fronteira e da alteridade é colocado nela com um dos seus principais aspectos. Para que possamos observar através desses atravessamentos de zonas tão diversas e os agenciamentos que as compõe é necessário, sobretudo, refletir e ponderar com cuidado. A violência e vários outros conflitos também surgem da luta pela liberdade, inclusão e igualdade nas sociedades. Sendo assim, percebe-se que essa literatura é construída como ponte de contatos de todas as partes e estabelece linkagens de toda espécie não necessariamente concordantes entre si.

Nas sociedades urbanas contemporâneas as narrativas assumem um papel privilegiado. Isto ocorre em grande parte, porque essa literatura emergente funciona como mediadora das relações biopolíticas, na medida em que está se apresenta como uma forma discursiva representacional da vida que atua através de um grande polissistema integrado. Nela não há separação entre o trabalho material, intelectual e artístico. Mas do que isso, nela há uma articulação da escrita à vida e as demandas coletivas e individuais, que a torna possível. O singular se conjuga no plural e vice-versa. Assim, *o mundo da vida faz indício no e para além do enunciado* (JUSTINO, 2014, p. 141).

Dessa forma devemos notar que, no plano da linguagem e da literatura a multidão se alimenta e realiza no realismo. Se levarmos em consideração, como sugere Siligman-Silva (2003), que no limite toda literatura tem um teor testemunhal, perceberemos os vestígios sensíveis da realidade e dos sujeitos presentes na obra. Logo, ele sustenta que *em toda parte só há “realismo”, pois ninguém flutua à história, à experiência sentida na própria carne, e só através dela* (Idem, p. 150). Porém, esse realismo não deve ser entendido de forma simplista.

Elaborando uma leitura heterodoxa das três categorias cenopitagóricas (ícone, índice e símbolo) da semiótica de Peirce (2010), o autor diferencia o realismo da literatura de multidão, que define como indicial, de outros dois tipos: o primeiro, chamado de icônico, que opera uma reterritorialização pela conformação do signo visível (amplamente trabalhado pelas no romance do século XIX); o segundo, simbólico, que atua a partir dos processos de semiotização radical, exploração das potências estéticas imanentes da língua e da literatura, principalmente no tocante a desterritorialização destas por meio de processos de metalinguagem (experimentações feitas, sobretudo, pelas projetos literários modernistas no século XX).

Assim, pode-se dizer que o realismo indicial da literatura de multidão funciona por contato e fusão, operando através de uma dessimbolização, por dimensões outras não apenas da interação entre signo e objeto, mas também entre língua e cultura. A revelia de uma “moral da crítica” literária brasileira contemporânea, que se incomoda com a natureza “cruel e crua” deste realismo, afirmando o empobrecimento e esfacelamento da dimensão ficcional do relato caracterizado pelo seu teor testemunhal e biográfico, a literatura de multidão reafirma o potencial desses aspectos, não para mostrar o grau de verdade da obra e de seu modo de representação, mas para trazer ao primeiro plano os processos que estão nela secundarizados e/ou clichêizados (JUSTINO, 2014, p. 154).

Diante disso, podemos concluir que nesse tipo de realismo os signos não se separam nunca completamente do meio-ambiente onde são produzidos. Eles produzem um movimento duplo, para o exterior ao buscar o comum da vida cotidiana do devir-multidão, para dentro recusando a excessiva literariedade. Propondo, assim, uma interrelação que faz cruzar a escrita e a imediaticidade do real pela taticidade da experiência do vivível com todas as suas profundas demandas históricas, ideológicas, culturais, poéticas, esquizóides e utópicas.

### **3 POÉTICAS DE SOBREVIVÊNCIA DA MULTIDÃO**

Em seu ensaio, *Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea*, Dalcastagné (2008), afirma, que na produção literária brasileira, durante muito tempo, o silêncio dos marginalizados e excluídos foi sobreposta por outras vozes. Estas buscavam falar em nome deles, estabelecendo uma tensão com relação a “autenticidade” e legitimidade da obra no tocante das representações do grupo e da própria voz autoral destes

sujeitos. Assim, ela entende que o ponto de referência para a construção das personagens é atravessado por um teor político e ético, ou seja, o que está representado ali não é o outro, mas a forma como quero vê-los.

Dessa forma, a autora localiza algumas perspectivas nas quais vem sendo trabalhada esses modos de olhar: romântico ( que vai do regionalismo pitoresco de José de Alencar até obras como de José Lins do Rêgo, na fase modernista), exótico (cobre os psicopatas de Rubens Fonseca aos malandros boêmios de João Antônio), crítico ( na qual começa a haver um questionamento dessas figuras, na medida em que se tenta fugir de alguns desses estereótipos, vistos agora através de um estranhamento a partir de um novo enquadramento das situações, como na obra de Clarice Lispector) e o dentro ( onde esses mesmos sujeitos subalternos passam a ter controle sobre o processo artístico construindo suas próprias representações) . Com relação a este último, é interessante notarmos que a democratização da própria literatura foi importante para nos possibilitar uma perspectiva sobre o outro mais ampla tanto em termos literários quanto sociais. Romper com a uniformidade em prol da pluralidade nos permite questionar inclusive discursos socialmente postos de preconceito econômicos, culturais e sociais.

Um olhar de dentro nos permite perceber que em Capão Pecado há uma heterogeneidade pautada a partir das diferenças, alteridade e multiplicidades de vozes que embora ocupem o mesmo espaço e estratificação social, suas vivências e singularidades se sobressaem, se despreendendo dos estereótipos. Formas de vida muitas, enredadas, a partir de uma coletividade conexa, caótica, rizomática, que se chocam e se influenciam. Como nos lembra Bakhtin (1996) não há discurso sem o outro. Este, é constitutivo do sujeito, uma vez que é afetado a partir da interação. A partir desse encontro com o outro, realiza-se uma transforma de si mesmo, que segundo Butler (2015), não há retorno.

Dessa forma, a multidão se configura como um devir-nós, que não se deixa enquadrar, recusa determinismos de fora. Partilham experiências em redes que se atravessam ao mesmo tempo em que tentam sobreviver. Porém, não de qualquer jeito. Esses homens ordinários, sujeitos comuns, como propõe Certeau (1996), elaboram uma “arte de viver”, a partir de estratégias (manipulação das relações inscritas em um lugares bases já institucionalizados por uma racionalização dentro do sistema) e táticas ( resistências sub-reptícias e astuciosas, utilizações de forma incomum daquilo que lhes é posto, trilhas alternativas que se infiltram na ordem do sistema já estabelecido ), para tecerem suas poética de sobrevivência, força criadora que os permitem viver apesar de precarização da vida.

### 3.1 “O Trabalho dignifica o homem”

A multidão é uma coletividade de corpos produtiva. verifica-se que alguns dos personagens apesar das dificuldades e problemas sociais, não escolhem o caminho fácil do crime. Para além de Rael, protagonista da história, que trabalha em algumas empresas ao mesmo tempo em que também faz cursos de datilografia, ler muito e sonha com dias melhores, outros personagens se destacam em um segundo plano.

Mariano, conhecido como Capachão, teve uma vida difícil desde pequeno. Sua mãe, D. Alzira, obrigava-lhe e aos irmãos a pedirem esmola de porta em porta. Porém, o dinheiro que recebia dos meninos era gasto em bebedeiras e jogos de azar. O garoto abandonou sua progenitora junto com os outros garotos e resolveu morar com avó. Logo, arranhou um trabalho em uma borracharia para contribuir com dinheiro na nova casa, enquanto estudava de noite. Entretanto, pouco tempo depois, foi demitido. Sua avó não podendo sustentar tantas bocas expulsou o jovem de casa por ser o mais velho. Acabou indo morar em um barraco dentro da favela. Mas nem por isso, o mesmo desistiu, continuou sua labuta diária trabalhando e estudando para tentar passar no exame da polícia, o que acontece posteriormente. É interessante notarmos que há por parte do narrador uma defesa moral em relação a esse tipo de conduta, pois muitos jovens da quebrada não querem nada da vida. Isto, fica evidente na cena em que o personagem principal encontra Mariano na rua:

Resolveu pegar um ônibus para voltar, ficou esperando no ponto, que estava cheio como sempre. Encontrou Capachão, começaram a conversar e o amigo disse que logo seria chamado para entrar na academia do Barro Branco, onde seria treinado para, se Deus quiser, em breve torna-se policial. Rael se sentiu orgulhoso do amigo, pois a maioria dos demais não queria nada com nada. ( FERRÉZ, 2013, p. 70)

Em outros momentos, vemos na narrativa, referências a este trabalho material exposto na representação de outros personagens que aparecem de forma rápida, mas que possibilitam ver as demandas capitalistas circunscritas no próprio ambiente que os rodeia, servindo também para o compor. Assim, temos Dona Filó e sua barraca de churrasquinho , Marquinhos *que havia vendido algodão-doce um dia antes e estava com dinheiro suficiente para chamar os manos para comer pão mortadela e tomar tubaina* (FERRÉZ, 2013, p. 61), entre outros. Todavia, as

estratégias não apenas se circunscrevem a representação do trabalho material dos personagens, mais também de seus esforços para tentar se encaixar no sistema, o que pode ser verificado na busca por emprego como podemos observar no diálogo entre alguns deles:

-E aí, Amaral, e os tramos? -A, tá foda, meu, tô procurando emprego toda segunda e terça, mas tá uma dificuldade de fazê ficha só você vendo, mano. - Eu imagino, mano esse governo fodeu todo mundo mesmo. Para você vê, de todos os caras que têm aqui, só quem tá trabalhando é o seu irmão e o cebola, que trabalha no Bob's. Cebola entrou na conversa. - É, eu também tô procurando trampo por fora, Rael, afinal o Bob's paga mó mixaria [...] ( FERRÈZ, 2013, p. 95)

Segundo Hardt e Negri (2004), vendo por uma perspectiva socioeconômica, a multidão se configura e comporta como o sujeito comum do trabalho, “carne” real da produção pós-moderna, ao mesmo tempo em que o capital coletivo forma o corpo de seu desenvolvimento global. Dentro desse quadro e das lutas inerentes ao próprio trabalho, é que a figura biopolítica produtiva da multidão começa a surgir. Esse embate pode ser percebido, na figura capitalista de Halim, dono de um mercado, e as relações de poder que o mesmo mantêm a partir da questão financeira. Numa dada cena, a mãe de Rael pede para o garoto buscar um dinheiro proveniente de um serviço doméstico realizado por ela em outro bairro da cidade: Liberdade. Nada mais simbólico na medida em que a necessidade do dinheiro e a miséria em que vive a família, os coloca numa relação de “prisão “e exploração para aceitar o que lhes é oferecido, porém não totalmente de forma resignada:

Ele tinha nojo daqueles rostos voltados para cima, parecia que todos eles eram melhores que os outros. Se seu pai estivesse com ele, com certeza já teria dito: esquentá não, filho, eles pensam que têm o rei na barriga, mas não passam dessa vida sem os bicho comê eles também. Os mesmo bicho que come nós, como essas filhas da puta; lá embaixo, fio, é que se descobre que todo mundo é igual.

Chegando ao mercado de seu Halim, o pão-duro já o havia visto de longe e já estava contando o dinheiro para lhe dar. Rael se aproximou e Halim nem o cumprimentou, só entregou o dinheiro e disse que o serviço de sua mãe, estava lhe custando muito dinheiro. Rael não respondeu nada, só guardou o dinheiro no bolso, disse obrigado e se retirou. Mas Halim notou algo em seu rosto, algo estranho, talvez por um momento

Halim tenha visto nos olhos daquele simples menino periférico um sentimento de ódio puro e renha sentido por algum momento que um dia o jogo iria virar. ( FERRÉZ, 2013, p. 25-26).

O deslocamento não apenas espacial, pois o protagonista sai da sua comunidade periférica para ir até o centro, onde o capital flui, mas de vozes, Narrador-Rael-Halim, Narrador-Halim-Rael, nos mostra muito mais do que relações trabalhistas as produções biopolíticas também circulam por meio dos afetos. Estes, por sua vez, podem ajudar a constituir a própria luta de classes, se não for eles também uma força motriz para sua reprodução. Resta-nos agora entender a contrapartida desses movimentos estratégicos, que se dão em outro nível de ação e usos.

### **3.2 Correria e outros corres**

A multidão é uma monstruosidade e como tal é considerada perigosa. Hardt e Negri (2004) afirmam que para muitos, a multidão é considerada ameaçadora, pois essa não são nem povos nem nações, muito menos comunidades. Devido a isso, constitui um exemplo de insegurança e de caos que resultaram do colapso da ordem social moderna. Por ser informe e desordenado são assustadores. Leia-se que embora não seja um elemento homogêneo e possam surgir de fluxos diversos, estando em constante inovação, ela é uma força elementar que constantemente expande o ser social. Sua carne é fugidia, porque não pode ser inteiramente enfeixada nos órgãos hierárquicos de um corpo político.

Burgos é bandido, ladrão e assassino. Trabalha para si mesmo e também para as bocas de fumo, livrando-se daqueles que compram e não pagam. Sua carne é puro potencial voltado para o crime. Sua tática para sobreviver é simples, matar e captar dinheiro para se instrumentalizar ainda mais. Porém, o que fica claro é que seu modo de vida se estabeleceu desde a infância, sua poética de sobrevivência é servir como corpo para a necropolítica<sup>4</sup>violenta do crime organizado:

---

<sup>4</sup> Para Mbembe (2016), A necropolítica opera submetendo a vida ao poder da morte, onde máquinas de guerra dominam populações inteiras a partir de aparatos e agentes de violência estrutural. Isso também pode ocorrer em locais onde há possibilidade de se explorar pessoas e extrair riquezas.

Burgos estava descendo a rua, ultimamente dera para andar com uma bolsa de raquete de tênis a tiracolo. Todos estranhavam, pois nunca o haviam visto praticar nenhum esporte. |Desde pequeno só era visto fazendo suas correrias, roubando doce de um mercado, manga da feira. Vira e mexe apanhava que nem um condenado por pequenos furtos. Estava andando no meio da rua distraído, pensativo. Os vizinhos quando o viam entravam, fechavam as janelas, pois sabiam que Burgos agora era sangue no olho, um cara sem limites. Havia comentários de ele tinha roubado quatro postos de gasolina num único dia e de que suas armas já eram suficientes para fazer uma guerra. (FERRÉZ, 2013, p. 144).

Em outra cena, Burgos e seus comparsas (Ratinho, Jura e China), mostram toda sua astúcia ao traçar um plano de venda de drogas ousado:

Ratinho estava na mesa e pediu que entrassem, pois precisavam endolar o esquema para vender num show de rock que teria lá no Pacaembu. As caixas de sorvete haviam sido roubadas alguns dias antes e o disfarce já estava bolado, Burgos ficou ganhando a esperteza de Ratinho e disse: - Você é foda mesmo, mano, vai todo mundo de sorveteiro vende os bagulho? – Claro, truta, cê já viu policia batendo geral em sorveteiro? E nós pode passa pelas filas de espera nos portões com mó moral, tá ligado? Todos começaram a rir e Ratinho, pra comemorar, separou alguns fininhos para todos fumarem. (FERRÉZ, 2013, p. 79).

Fica evidente dois aspectos importantes da poética de sobrevivência da multidão diante desse última situação apresentada. A primeira delas, refere-se aquilo que Certeau (1996) nos fala da quase-invisibilidade, clandestinidade e esfarelamento em conformidade das ocasiões desses tipos de produção, pois elas quase não se fazem notar por produtos próprios, mas por uma arte de utilizar aquilo lhe são impostos. Santiago (2004) aponta também a clandestinidade dos pobres ao seguir o fluxo do capital para as metrópoles pós-modernas. Neste sentido, percebe-se o cosmopolitismo da multidão não apenas se restringindo a seu espaço de origem, mas buscando novos horizontes de atuação, mesmo que ilegalmente e promovendo práticas ilícitas.

O romance possui poucas personagens femininas, porém uma que se destaca é Valquíria (Val). Na narrativa não fica clara se ela é apenas uma usuária casual ou uma viciada. Porém, o que se sabe é que a mesma “gosta do bagulho”. Tendo dois filhos para criar ela resolve vender um pouco da droga que tem para arrecadar dinheiro para comprar o leite e alimentar seus filhos. Porém, o homem para quem ela vende não paga a quantia ínfima de cinco reais. A confusão esta feita quando ela vê o sujeito na festa onde a mesma também se encontra comprando diversas cervejas. Numa conversa com o seu interlocurário, Val afirma que vai “descer” o cara, ou seja matá-lo. O homem em questão com quem ela conversa pede para a mesma deixar quieta que outro personagem, o Dinei, vai cuidar do assunto. Entretanto, o conselho não adianta muito:

- Deixa quieto, Val, num vale nem uma bala, cê tá muito agitada, deixa quieto. – Que nada mano, eu vou lá e cê vai ver, vô metê a mão na cara dele! Homi que é homi não apanhanha na cara, ainda mais de muiê, se reagi, tá fudido, vai sentá no colo do capeta. – Não, meu, tem muita gente, e ainda aqui no Bar da Polícia é embaçado, Val. Faz o seguinte: pega na quebrada, Val! Val! Deixa quieto, ô Val... -Aí! Maluco! Toma na cara e segura isso aqui, ô! Viado do caralho. (FERRÈZ, 2013, p. 78).

A representação do empoderamento feminino está presente também na narrativa como se pode observar. A personagem em questão poderia esperar que um homem resolvesse seu problema, contudo, ela mesma decide concluir aquele negócio, apesar do contexto em que se encontra. Se por um lado vemos a negociação de produtos escusos como uma forma de sobrevivência, temos novamente a violência como tática não apenas contra uma dada ordem do sistema, mas também nas fissuras desse, onde os sujeitos mantêm relações diversas e por vezes clandestinas. É interessante notarmos a força que essa personagem carrega que está simbolizada também em seu próprio nome. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1995), as valquírias eram as ninfas do palácio Votán da mitologia nórdica, comparadas às amazonas, suas vidas são marcadas pela bravura frente às batalhas, simbolizando ainda ao mesmo tempo a embriagues dos arrebatamentos, vida e morte. Tal como o mito, a personagem torna-se uma heroína de si mesmo diante dos problemas de cotidiano, abraçando o comportamento de uma guerreira.

### **3.3 Amizade, solidariedade e afetos**

Para além, do que foi abordado até agora, ao analisarmos a obra, percebemos também outras formas de poéticas de sobrevivência que não estão associadas exclusivamente as estratégias e táticas. Nem por isso, elas são menos importantes. Sabermos que as produções biopolíticas são várias e não só envolvem a produção de bens materiais em sentido estritamente econômico como também afeta e produz todas as facetas da vida social, sejam econômicas, culturais e políticas (HARDT e NEGRI, 2005, p.15). Dessa forma, podemos entender que o campo dos afetos também se constitui como elemento indispensável de arranjo da multidão.

A todo momento a narrativa nos apresenta uma série de manifestações de relações de amizade, solidariedade e amor como formas também de sobrevivência. Assim, temos algumas passagens que aparentemente são banais, como garotos jogando videogame até tarde, conversando sobre música, jogando bilhar, bebendo em bares locais, indo nadar em clube, jogando bola, mas que servem para reforçar os laços sociais entre os sujeitos. Além das práticas de lazer, ver-se que esses sujeitos também compartilham informações sobre oportunidades de trabalho. Não apenas auto organizável, a multidão opera e resiste por meio da cooperação. *South, antes de se despedir de Rael, o avisou de que iria fazer ficha em uma metalúrgica ali perto e perguntou se o amigo gostaria de ir* ( FERRÈZ, 2013, p. 54).

Depois do assassinato de um jovem, Jacaré, conhecido de alguns personagens em resposta a morte de uma grávida, ocasionada pelo mesmo, por embriagues no transito, em outro bairro, Narigaz e Matcheros conversam sobre a vida. O primeiro tenta fazer com que seu amigo tenha um pouco mais de consciência e procure por melhores caminhos:

- É foda mesmo, no final todo mundo que morre neste fim de mundo é classificado como a mesma coisa. Por isso que eu falo, truta, eu quero continuar a estudar e se Deus permitir, mano, eu quero ter um futuro melhor. E o pior é que, se você analisar os fatos, vai notar que de todos os trutas só um ou dois patrícios tão querendo algo. Por exemplo, você, tá vacilando Matcheros, tem que se liga, mano. – Aí, Narigaz; vai atrás do seu maluco, que o meu tá garantido. – Tá, eu tô vendo. Sua vaga tá lá no São Luis te esperando, fica fazendo essas fita errada aí que você vai ver. ( FERRÈZ, 2013, p. 119)

Para Agambem ( 2009), a amizade é uma comunidade, na qual conviver e consentir são além de dimensões ontológicas também políticas, pois opera como divisão a repartir o

próprio fato de existir e a própria vida. Pellizzaro (2015), ao tecer um estudo sobre o conceito de amizade para Foucault, verifica que essa está relacionada ao poder e ética, observa que também que ela é uma profunda experiência humana na qual cada um pode cuidar de si e estimular o outro para que também cuide de si. Mais do que o compartilhamento da vida, tempo, diversão, espaços, uma relação de amizade extrapola os padrões de relacionamento institucionalizados de nossa sociedade por não se limitar apenas a fins práticos e utilitaristas como pregado pelo sistema capitalista. Assim, toda amizade tem um aspecto subversivo e transformador, tanto na ordem individual quanto coletiva, onde atua duplamente. Ela afeta a esfera político-social, introduzindo novas formas de pensar e viver vínculos afetivos e sociais.

Essa mesma lógica pode ser aplicada também as relações de solidariedade. Porém, com a diferença que esta opera com fins práticos no cotidiano da multidão. Dona Maria, mãe de Rael, cobre o seu filho com o único cobertor para que este não passe frio; Mactherros abriga Capachão em casa, após esse ter sido expulso de casa; Carimbê, tio de Cebola, ajuda na construção da casa da família do jovem; ou até mesmo, numa passagem emblemática, quando uma criança carente dividi a pouca comida que ganha: *Rael começou a pensar e se lembrou de Nadinho, de sua humildade, lembrou que, quando pagava pastel pro moleque, ele dividia quase que com a favela inteira* (FERRÈZ, 2013, p 178). Logo, vemos como a solidariedade funciona como um elo social e reforço afetivo para a comunidade. A multidão ganha força e se expande na medida em que se ajuda.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que as poéticas de sobrevivência que os pobres constroem são diversas, assim como suas potências. A multidão opera em múltiplas frentes, pois seu estado constante é sempre de alerta e mobilização, de luta e resistência. A literatura é uma arte social, como nos afirma Candido (2006), e como tal um produto que exprime as condições sociais da sociedade de seu tempo. Nesse sentido, verificou-se que no romance Capão Pecado esse aspecto é produzido em graus diversos de sublimação, sobretudo dando visibilidade as estruturas concretas e complexas das relações que a multidão opera e coexiste. A experiência coletiva

penetra a obra, renovando todo o sistema simbólico e recursos expressivos de uma tradição literária.

Além disso, vemos que ao dar evidência aos excluídos e marginalizados, a escrita da Ferréz se configura como uma forma em si mesma de resistência. Se para Bosi (2002), a dimensão estética pode ser atravessada pela ética, explorando a relação de forças entre valores e antivalores, engajamento e compromisso com a verdade, temos aqui uma narrativa erigida por uma tensão crítica. Isto pode ser observado, não apenas nas denúncias sobre os vários tipos de violências (física, simbólica, psicológica, etc) e opressão de forças capitais institucionalizadas, enfaticamente representadas pelas forças de segurança pública, mais também a partir vivências diárias comuns dos sujeitos. Assim, o lugar comum da multidão adquire significado e importância aos olhos do leitor visto a partir de dentro.

Por fim, entendemos ainda que no tocante a multidão, algumas de suas ações não são apenas práticas corriqueiras/banais, mas movimentos de sobrevivência e luta que constituem o mundo para (re)inventá-lo, traçar novas possibilidades e rumos diante do que lhes é normalmente imposto. Nesse sentido, *agir e lutar significa criar* (NEGRI, 2006, p. 34). Assim, a experiência coletiva encontra na sobrevivência um lugar comum na busca de melhorias e linhas de fuga diante da precarização dos corpos em contexto socio históricos limites. Este mesmo comum também pode ser entendido ainda como uma ação coletiva por si mesma, que se também se verifica na linguagem, na cooperação e no trabalho. Sendo assim, a *Bios*, entendida aqui tal como os gregos a conceituavam, a vida em seu conjunto, está inserida na obra não apenas no conteúdo de suas representações e forma, mais também na própria produção imaterial do romance. Tal experimentação nos permite compreender a literatura como também potência dessa própria multidão que nunca para de batalhar nas trincheiras do cotidiano.

Logo, agir também é um ato de revolta, que produz ontologicamente os sujeitos, contra a herança de um destino comum. Resta-nos verificar como em outras obras se apresenta tal problemática e se é possível estabelecer uma frente de paridade entre elas. Se tal prerrogativa é possível, talvez possamos nos indagar se a revolução da multidão no tempo presente se ensaia, a princípio, não no plano material, mas no campo imaterial do pensamento e da estética, criando, assim, novas formas de vivências coletivas para transformar os sujeitos e o mundo?

**THE RABBLE THAT WORKS HARD: POETICS OF SURVIVAL OF THE CROWD  
IN THE WORK CAPÃO PECADO BY FERRÉZ**

## ABSTRACT

In contemporary Brazilian literature the poor are once more prominent, but now owners of their voices, occupy the writing of their own experiences from their places of speech. Far from certain determinisms, exoticisms and romanticisms, we are aware of the resonances of their arts of living that bring in their productions political, social and aesthetic assemblages of all orders that escape from reductionist frameworks. In addition to the significant tensions that involve the authenticity of the testimonies, the legitimacy of the work (socially constructed), the authorial voice and group representativeness in these narratives, what interests us is to analyze the forms of life that are put and their poetic forms of survival before the contexts in which they are. At this limit, literature presents itself as a biopolitical experimentation that appropriates a collective imaginary and a daily memory of ordinary subjects, understood here as a multitude, to manufacture the present. Thus, our objective is to understand, in *Capão Pecado* by Ferréz, the tactics and strategies that are used at all times by the so called poor, within a framework of precariousness of their conditions: systemic work forms, crimes, friendships, relations of solidarity as well as some affections are ways verified as forms of struggle and resistance before a schizoid and parasitic capitalism and its consequences. For this, we will use the contributions of Dalcastgnè (2008) on issues of alterity and inequality in contemporary Brazilian narrative, as well as Santiago (2004) and Sousa (2009) regarding the poor, concepts of tactics and strategy of Certeau (1990), Hardt and Negri (2005) regarding the multitude and Justino (2014) to the literature of multitude.

**Keywords:** Literary Criticism; Contemporary Brazilian Literature; Crowd Literature; Poor.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- BARBOSA, R. T. **Devir-nós: ancestralidade, memória e potência dos pobres em "Duzu-Querença"**. 2016. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - com habilitação em Língua portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail./VOLOCHINOV, Valenti Nikolaiévitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BAUMAM, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e Resistência. In: **Literatura e Resistência**, São Paulo: Companhia da Letras, 2002. p. 118-135.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora 2015.
- \_\_\_\_\_. Vidas Precárias. *Revista Contemporânea*, 1, p. 13-23, 2011. Disponível In: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/18/3>. Acesso: 01/09/ 2018.

CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a vida social. In: **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 27-50.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 9º Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995 .

DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: **Alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: Editora horizonte, 2008. p. 78-107.

ESPOSITO, Roberto. **Communitas**. Buenos Aires: Amorrortur, 2003

FERRÈZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Planeta, 2013.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JUSTINO, Luciano Barbosa. **Literatura de Multidão e Interculturalidade: ensaios sobre ler e escrever o presente**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

EGGENSPERGER, Klaus. **Estudos Culturais e Literatura**. Revista X, Vol.2, In: 2010, disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/viewFile/23902/16631>>. Acesso em: 13/09/ 2018.

LUDMER, Josefina. **Literaturas pós-autônomas**. Revista de crítica literária y de cultura. In: (2007), 17, disponível em: < <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n20.pdf>> Acesso em: 30/10/2018.

MBEMBE, Achile. Necropolítica. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ. In: 2016, 32, disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 30/10/2018.

NEGRI, Antônio. **Por uma definição ontológica da multidão**. Revista Lugar Comum n.19-20, 2005. Disponível In: <[http://uninomade.net/wp-content/files\\_mf/113003120823Para%20uma%20defini%C3%A7%C3%A3o%20ontol%C3%B3gica%20da%20multid%C3%A3o%20-%20Antonio%20Negri.pdf](http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120823Para%20uma%20defini%C3%A7%C3%A3o%20ontol%C3%B3gica%20da%20multid%C3%A3o%20-%20Antonio%20Negri.pdf)> Acesso: 01/09/ 2018.

\_\_\_\_\_. **De volta: abecedário biopolítico**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Sec. XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

OLIVEIRA, Waldivia de Macêdo. **O invasor: relações de alteridade e subalternização em obra contemporânea da literatura brasileira**. 2016. 130f. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

Campina Grande: UEPB, 2015. p. 79-85.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1995.

PELLIZZARO, Nilmar. A amizade na perspectiva de M. Foucault. Revista Argumentos, 14, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/viewFile/19112/29830>. Acesso em: 28/10/2018.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: UNICAMP, 2003.

SOUSA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

VIRNO, Paulo. **Gramática da multidão: para uma análise das formas de vida contemporâneas**. São Paulo: Annablume, 2013.